

A DIVINDADE E A HUMANIDADE DE CRISTO NA CARTA DE ÁRIO A EUSÉBIO DE NICOMÉDIA E NA CARTA DE ELLEN G. WHITE A W.L.H: UM ESTUDO COMPARATIVO

  Agenilton Marques Corrêa ¹

RESUMO

Esta pesquisa consiste em uma investigação da natureza humana e divina de Jesus a partir das perspectivas de Ário de Alexandria e Ellen G. White. O objetivo é fornecer uma avaliação histórica e teológica dos pontos de vista desses estudiosos sobre a divindade e a humanidade de Cristo em seus escritos: Ário, em sua carta a Eusébio e em seu livro intitulado Theleia, e White, em sua carta a William L. H. Baker e em outros textos. Este trabalho limita-se a analisar as afirmações cristológicas a respeito da divindade e da humanidade de Cristo encontradas em suas cartas. Assim, usou-se um método histórico e teológico de investigação. Conclui-se que Ário e White compartilhavam, em geral, alguns pontos de semelhança sobre a divindade de Cristo, mas tinham um conceito divergente acerca da preexistência do Filho. Portanto, não podem ser considerados iguais por terem determinadas semelhanças em alguns aspectos cristológicos, mas sim divergentes por apresentarem explicações diferentes quando definem a realidade do Filho. Assim, suas semelhanças não as tornam iguais, mas suas dissemelhanças tornam-nas completamente diferentes.

Palavras-chave: Divindade. Cristo. Cristologia. Natureza humana. Arianismo.

ABSTRACT

This research constitutes of an investigation on the human and divine nature of Jesus in the perspectives of Arius and Ellen G. White. The purpose of this paper is to provide a historical and theological evaluation of Arius' and White's view on the deity and humanity of Christ in their writings. Arius in his letter to Eusebius and in his book entitled Theleia, and White in her letter to William L. H. Baker and other writings. This study is limited to evaluating the Christological statements about the divinity and humanity of Christ found in their letters. Thus, this research uses a historical and theological method of investigation. The conclusion of this paper is that Arius and White generally shared some points of similarities on the Deity of Christ, but they held a divergent concept regarding the pre-existence of the Son. Therefore, they cannot be considered equal by having some similarities in some Christological aspects, but they can be considered divergent by having different explanations when they define the reality of the Son. Therefore, their similarities do not make them equal, but their dissimilarities make them fully different.

Keywords: Divinity. Christ. Christology. Human nature. Arianism.

¹ Ph.D. pelo Adventist International Institute of Advanced Studies, Pós-doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professor no Seminário Adventista Latino-Americano do Faculdade Adventista da Bahia. E-mail: agenilton.correa@adventista.edu.br.

Submissão: 07/2023

Aceite: 12/2023

Como citar

CORRÊA, A. M. A divindade e a humanidade de cristo na carta de Ário a Eusébio de Nicomédia e na carta de Ellen G. White a W.L.H: um estudo comparativo. *Práxis Teológica*, volume 19, Suplementar 1, e-1909, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2023v19nSuplementar1.e1909>.



INTRODUÇÃO

O estudo da pessoa e da obra de Cristo está no centro da teologia cristã. Uma vez que os cristãos são, por definição, crentes e seguidores de Cristo, a compreensão deles acerca de Cristo tem de ser central e determinante para o próprio caráter da fé cristã. Há certos problemas perenes da cristologia, por isso deve ser dada atenção especial ao estudo cristológica a fim de que os cristãos possam ver mais claramente a beleza do caráter e da santidade de Jesus e o seu papel na salvação do homem. Não é sem razão que a cristologia é considerada uma das doutrinas mais controversas da teologia cristã.¹

Alguns indivíduos marcaram a história da teologia cristã, e um deles foi Ário de Alexandria (250-335 d.C.), presbítero popular na Igreja de Alexandria. Sua cristologia tinha como proposta principal a ideia de que o Filho, ou λόγος (*Logos*, “Verbo”), era a primeira criatura de Deus. Em sua carta (318 d.C.) à Eusébio, bispo de Nicomédia, ele disse que “Jesus, o Filho, tem um começo, mas Deus não tem começo” (BETTENSON, 1977, p. 39). Ele enfatizou a humanidade de Jesus Cristo mais do que a sua divindade e esforçou-se por explicar a encarnação de Cristo sem fazer dele o próprio Deus. No entanto, essa posição foi rejeitada no Concílio de Nicéia (325 d.C.), onde Jesus foi declarado como plenamente divino.

Ário e Eusébio de Nicomédia (m. 341) eram amigos próximos. Os dois tinham a mesma visão cristológica que, provavelmente, derivava das ideias de seu professor, o influente teólogo Luciano de Antioquia (240-312 d.C.). Ário, que permaneceu amigo de Eusébio durante toda a vida, enviou-lhe uma carta explicando a razão da sua perseguição pelas autoridades governamentais e eclesiásticas, enquanto Eusébio vivia em Berytus, na Síria. Sua carta foi preservada nos escritos de Epifânio (HARDY, 1954, p. 329) e assim seu pensamento teológico pode ser revivido ao longo da história cristã.

De certa maneira, o pensamento de Ário tem influenciado indiretamente a concepção de alguns adventistas sobre a natureza divina de Cristo.² No atual debate sobre a natureza de Deus³, eles são identificados como *adventistas históricos* ou *neo-restorationists*⁴ — ou *Adventistas Neo-Arianos*,

¹ Ver Klaas Runia, *The Present-day Christological Debate* (Leicester, England: Inter-Varsity Press, 1984), p. 11-115; Richard A. Norris, *The Christology Controversy* (Philadelphia: Fortress Press, 1980); e Roger E. Olson, *The Story of Christian Theology: Twenty Centuries of Tradition and Reform* (Leicester, England: Apollos, 1999), p. 201-249.

² Para uma análise completa da influência do arianismo e do semiarianismo manifestados nos escritos de E. J. Waggoner e de outros pioneiros, ver Remwil R. Tornelejo *A Comparative Study of Christology of Edward Irving, Ellet Waggoner and Alonzo Trevier Jones* (MTH. Dissertation, Adventist International Institute of Advanced Studies, Silang, Cavite Philippines, 2009), p. 15-152.

³ Ver Merlin D. Burt, “History of Seventh-day Adventist Views on the Trinity,” *JATS* 17, no. 1 (Spring 2006): 125; Gerhard Pfandl, “The Doctrine of the Trinity Among Seventh-day Adventist,” *JATS* 17, no. 1 (Spring 2006): 160.

⁴ Eles são identificados como *adventistas históricos* ou *neo-restauracionistas*. Ver Gary Land, *Historical Dictionary of the Seventh-day Adventists (HSDA)*, Historical Dictionaries of Religions, Philosophy, and Movements 56 (Lanham, MD: Scarecrow, 2005), 301; Burt, “History of Seventh-day Adventist Views,” 125; Merlin D. Burt, “The Trinity in Seventh-day Adventist History,” *Ministry*, February 2009, 5; Ralph Larson, *The Word Was Made Flesh: One Hundred Years of Seventh-Day Adventist Christology, 1852-1952* (Cherry Valley, CA: Cherrystone, 1986). Reinder Bruinsma, “Theological Diversity: A Threat, an Asset, or What?” *Ministry*, December 2010, 17-19.

como eu prefiro chamá-los. Eles rejeitam o conceito de Trindade dos adventistas do sétimo dia⁵ e reivindicam a posição ariana (ou semiariana)⁶ dos pioneiros adventistas, como Uriah Smith⁷, como verdade fundamental do adventismo primitivo, e defendem um retorno ao antitrinitarismo, com base no fato de que muitos dos primeiros pioneiros adventistas mantinham opiniões antitrinitarianas sobre a natureza do Filho.⁸

Por outro lado, 1578 anos após a carta de Ário, Ellen G. White (1827-1915) enviou uma carta (em 1896) a William Lemuel Henry Baker (1860-1941) que tem ajudado na compreensão da identidade ontológica de Cristo e, ao mesmo tempo, contribuído com a cristologia adventista.⁹ Baker foi um pastor adventista com considerável carreira editorial na Pacific Press, Califórnia, e que desenvolveu atividades na IASD como professor de Bíblia, evangelista e administrador (Fortin, 2018, p. 329). Durante o tempo em que esteve envolvido em atividades pastorais e evangelísticas na Tasmânia, Austrália, desenvolveu ideias sobre a natureza humana de Jesus como tendo propensões ao pecado (Fortin, 2018, p. 329-330). Assim, há cinco parágrafos nesta carta que tratam da natureza humana de Cristo e que deixam claro o ponto de vista de White a respeito da natureza humana de Jesus em contraste com o ponto de vista de Baker, bem como o de Ário.

Este estudo procura comparar as visões cristológicas de Ário e White e estabelecer suas diferenças e semelhanças acerca da divindade e humanidade de Cristo. Por meio da presente análise é possível saber se as cristologias defendidas por eles são semelhantes ou diferentes. Assim, busca-se responder a seguinte questão: quais são as principais semelhanças e as diferenças das posições cristológicas de Ário e White relativo à divindade e humanidade de Cristo em seus escritos?

⁵ Descrito em bed in General Conference of Seventh-day Adventists, *Seventh-day Adventist Church Manual*, 2nd Rev. ed. (Silver Spring, MD: Review & Herald, 2022), 168. Para os Adventistas Neo-Arianos a doutrina da Trindade é uma corrupção promovida pela doutrina católica romana. Ver Pfandl, "The Doctrine of the Trinity," 161.

⁶ Para uma definição do semiarianismo, ver Merlin D. Burt, "Demise of Semi-Arianism and Anti-Trinitarianism in Adventist Theology, 1888-1957" (Research paper, Andrews University, Berrien Springs, MI, 1996), v, accessed July 25, 2014, http://www.andrews.edu/~burt/010524_Burt.pdf; Le Roy Edwin Froom, *The Coming of the Comforter* (Washington, DC: RH, 1949), 149-152.

⁷ Uriah Smith entendeu que Jesus era um ser criado pelo Pai. Cf. Uriah Smith, *Thoughts, Critical and Practical, on the Book of Revelation* (Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing, 1881), 59, 73. Ele também acreditava que Jesus não era um ser divino eterno, e que Sua existência derivava da essência do Pai ("nascido" ou gerado). Já outros conceituaram o Espírito Santo como apenas uma influência do Pai ou do Filh.. Burt, "The Trinity in Seventh-day Adventist," 126.

⁸ Ver Allaback, *No New Leader*, 11. See also Burt, "The Trinity in Seventh-day Adventist," 5; See Knight, *A Search for Identity*, 196; Fred Allaback, *No New Leaders . . . No New Gods!* (Creal Springs, IL: Fred Allaback, 1995); Lynnford Beachy, *Did They Believe in the Trinity* (Welch, WV: Smyrna Gospel Ministries, 1996); Rachel Cory-Kuehl, *The Persons of God* (Albuquerque, MN: Aggelia, 1996); Allen Stump, *The Foundation of Our Faith: Over 150 Years of Seventh-day Christology* (Welch, WV: Smyrna Gospel Ministries, 2003); Pfandl, "The Doctrine of the Trinity," 161. Denis Kiser corretamente argumenta que "nossos pioneiros se mostraram líderes confiáveis em questões de fé e prática. Em teoria, todos podem dizer que as nossas crenças derivam da Bíblia. Mas, na prática, alguns escolhem confiar na compreensão inicial daqueles pioneiros como norma final em questões de interpretação bíblica. Assim, eles inadvertidamente escolhem a sua compreensão da tradição adventista como a lente através da qual interpretam a Bíblia. Esta mentalidade caracteriza-se como comprometida com o "Adventismo histórico". Denis Kaiser, "Understanding the Trinity: The mystery of the Trinity, the mystery of God, is holy ground," *Adventist Review*, July 1, 2018, <https://adventistreview.org/magazine-article/understanding-the-trinity/>.

⁹ Para uma descrição concisa de outros pioneiros que estavam em harmonia com a opinião de Ellen, como A. T. Jones, W. W. Prescott etc., veja Brut, "The Trinity in Seventh-day Adventist," 131-132, 134.

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa e de procedimento bibliográfico. A metodologia empregada neste estudo é o método histórico-teológico de investigação, e cujo objetivo principal é fornecer uma avaliação histórica e teológica dos pontos de vista de Ário e White sobre a divindade e a humanidade de Cristo. Ao se realizar o estudo comparativo entre as perspectivas cristológicas de Ário, na sua carta a Eusébio e no seu livro intitulado *Theleia*, e de White, na sua carta a Baker e em outras literaturas de sua autoria, buscou-se compreender melhor a discussão ressurgente sobre a divindade de Jesus Cristo e se durante sua encarnação, Ele assumiu uma natureza humana pecaminosa. Para isso, este estudo se limitou a avaliar as afirmações cristológicas destes autores acerca da divindade e a humanidade de Cristo. Atenção especial será dada à discussão da controversa carta a Baker e seus cinco parágrafos que tratam da natureza de Cristo, que deixa clara a doutrina de White sobre a natureza humana de Cristo. Considerando-se que, na carta de White, não há informações suficientes sobre a divindade de Cristo e que na carta de Ário não aparecem aspectos relevantes sobre a humanidade de Ele, outros escritos desses autores serão utilizados para que o objetivo da pesquisa seja alcançado.

ANTECEDENTES BIOGRÁFICOS E TEOLÓGICOS DE ÁRIO

Rowan Williams (2005, p. 30) indica que Ário teria nascido antes de 280 d.C. na região do norte de África, que é hoje conhecido por Líbia (OLSON, 1999, p. 141; SMITH, WACE, 1987, vol. 1, 162). Ário é descrito como um pregador eloquente (CHRISTINE-MURRAY, 1990, p. 45), “um homem de elevada estatura, boas maneiras, considerável erudição, caráter sério e até austero e de hábitos ascéticos, mas de orgulho inflexível e disposição para disputas” (CROSS, 1957, p. 162).

Ele estudou teologia em Antioquia, foi ordenado por volta de 312 d.C. e tornou-se um presbítero cristão de grande prestígio em Alexandria, no Egito (GONZÁLEZ, 2012, vol. 1, p. 166; OLSON, 1999, p. 141-142). Ao que tudo indica, Ário foi influenciado por seu professor de teologia, Luciano de Antioquia (FERGUSON, 1990, vol. p. 86), que tendia a enfatizar mais a humanidade de Jesus do que Sua divindade. Outro teólogo oriental que exerceu influência sobre Ário foi Orígenes (OLSON, 1999, 146; GREGG, GROH, 1981, 109-110), que, embora afirmasse a igualdade do *Logos* com Deus Pai, de alguma forma ele interpretou o *Logos* como sendo inferior ao Pai (ORÍGENES, 2004, p. 621-622), em uma espécie de subordinacionismo ontológico. Desse modo, Ário desenvolveu sua cristologia utilizando, como Luciano e Orígenes, categorias da filosofia platônica (GONZÁLEZ, 2012, vol. 1, 165; HANSON, 2005, p. 84-94). Seu principal ensinamento enfatizava a divindade do Pai em detrimento do Filho, ou seja, o *Logos* não era coeterno com o Pai, mas a primeira de todas as criaturas (GREGG, GROH, 1981, 77-129; WILLIAMS, 2005, p. 100-101).¹⁰

Sua oposição à cristologia trinitária foi condenada no Concílio de Niceia (325 d.C.)¹¹, convocado pelo imperador romano Constantino (GONZÁLEZ, 2012, vol. 1, p. 166-167; DI BERARDINO, STUDER, 1997, 268). Apesar disso, ele continuou a difundir sua cristologia, conseguindo a simpatia vários bispos de seu tempo (LONERGAN, 1976, p. 69). Mas, apesar de Ário

¹⁰ Um estudo recente sobre o *Logos* e Cristo pode ser visto em John R. Betz, *Christ the Logos of Creation: An Essay in Analogical Metaphysics* (Steubenville, OH: Emmaus Academic, 2023).

¹¹ É dito que “a condenação final e definitiva do Arianismo ocorreu no Concílio de Constantinopla em 381” (Olson, 1999, p. 157).

ter sido considerado uma “espécie de Anticristo entre os hereges, um homem cuja austeridade superficial encobria espiritualmente uma malícia diabólica, uma inimizade deliberada contra a fé revelada” (WILLIAM, 1987, p. 1), sua carta a Eusébio revela que ele era um cristão sincero e que acreditava em suas convicções teológicas. Roger Olson corretamente lembra que ele defendeu o cristianismo de heresias como o modalismo e o sabelianismo (OLSON, 1999, p. 142).¹²

Bernard Lonergan (1976, p. 69-70, 311) classifica os escritos de Ário das seguinte maneira: (1) uma carta a Eusébio, bispo de Nicomédia, escrita por volta de 318¹³; (2) uma profissão de fé, em forma de carta, enviada ao bispo Alexandre de Alexandria, por volta do ano 320; (3) uma profissão de fé apresentada ao imperador Constantino, no final de 327; (4) um tratado que difundiu sua doutrina nas canções populares, conhecido como *Qa,leia* (*Thaleia*, “Banquete”).¹⁴ Ele esperava atingir um público maior com este tratado, escrito durante a sua estada com Eusébio em Nicomédia.

ANTECEDENTES BIOGRÁFICOS E TEOLÓGICOS DE ELLEN WHITE

Ellen Gould White nasceu em 26 de novembro de 1827 na pequena cidade de Gorham, Maine, nos Estados Unidos (WHITE, 1943, p. 17)¹⁵, em um lar cristão metodista. Seu batismo nesta igreja ocorreu em junho de 1842, tornando-se um membro ativo (WHITE, 1981, vol. 1, p. 17). Ainda na juventude, foi influenciada pelas pregações do movimento Milerita¹⁶ acerca da segunda vinda de Cristo, realizada por William Miller (1782-1849), no Maine, no ano de 1840 (MOON, KAISER, 2018, p. 34-35), o que a levou a aceitar o Milerismo e romper com o metodismo¹⁷, sem necessariamente se desvincular completamente da teologia wesleyana-arminiana metodista. Posteriormente, ela ingressa no movimento adventista, tornando-se depois uma adventista do sétimo dia, igreja que ela se tornou cofundadora (GRAHAM, 1985, p. 16). Desse modo, Ellen e James White (seu marido) foram influentes entre os Adventistas Sabatistas.¹⁸ Sua experiência religiosa a levou a ser reconhecida como a “mensageira do Senhor” entre os adventistas do sétimo dia (DOUGLASS,

¹² Ver também semelhanças e diferenças entre arianismo e sabelianismo em Robert Morey, *The Trinity: Evidence and Issues* (Iowa Falls, IA: World Bible Publishers, 1996), p. 472, 476.

¹³ De acordo com E. R. Hardy (1954, vol. 3, p. 329) essa carta foi preservada nos escritos de Epiphanius.

¹⁴ Esta é considerada sua principal obra. Apenas fragmentos dela foram preservados. Para mais afirmações sobre este tratado, ver R. Williams (2005, p. 62-66).

¹⁵ Para uma biografia completa, ver Jerry Moon e Denis Kaiser (2018, p. 29-111), Douglas, (1998), White (1848) White (1981), Zukowski, Suárez e Siqueira (2017), Suárez (2012).

¹⁶O milerismo de William Miller é detalhadamente explicado nas seguintes obras: Sylvester Bliss, *Memories of William Miller, Generally Known as a Lecture on Prophecies, and the Second Coming of Jesus Christ* (Boston: Joshua V. Himes, 1853); Francis D. Nichol, *The Midnight Cry: A Defense of the Character and Conduct of William Miller and the Millerites* (Washington, DC: Review & Herald, 1944); Paul A. Gordon, *Herald of the Midnight Cry* (Boise, ID: Pacific Press, 1990); George R. Knight, *Millennial Fever and the End of the World: A Study of Millerite Adventism* (Boise, ID: Pacific Press, 1993), 28-41. De Miller, White herdou a capacidade de apoiar suas declarações e teorias com provas das somente nas Escrituras. Ver Arthur L. White, *The Position of the Bible, and the Bible Only and the Relationship of this to the Writings of Ellen G. White* (Washington, DC: Ellen White Estate, 1971).

¹⁷Informações sobre o Metodismo e seu estabelecimento na América do Norte podem ser adquiridas em Frederick Abbott Norwood, *The History of American Methodism: A History of the United Methodism and Their Relations* (New York: Abingdon, 1974), 61-93; Kenneth J. Collins, *A Real Christian: The Life of John Wesley* (Nashville: Abington, 1986).

¹⁸“Ellen White esteve na vanguarda de toda renovação teológica, reavivamento e missão significativa do Adventismo do Sétimo Dia.” Woodrow W. Whidden, “THST 616 Doctrine of Christ.” Syllabus of the Subject of Doctrine of Christ, Adventist International Institute of Advanced Studies, Silang, Cavite Philippines, 2011, p. 16.

1998; AAMODT, LAND, NUMBERS, 2014; STENCEL, 2012; READ, 2015). Seus esforços ajudaram a moldar uma igreja composta por instituições missionárias, educacionais e médicas.

Sua produção literária ao longo de sua vida totaliza cerca de 100 páginas de material, entre os quais 5 mil artigos, 26 livros e mais de 6 mil manuscritos gerais, entre eles 2 mil cartas manuscritas (MOON, KAISER, 2018, p. 29; KNIGHT, 1996, p. 83). Apesar de não ser considerada uma teóloga sistemática, White escreveu extensamente sobre o tema da cristologia. O destaque vai para seu livro “O Desejado de Todas as Nações”¹⁹, onde ela descreve a genuinidade da humanidade e divindade de Cristo. Assim, ao contrário de Ário, ela sustentava que Cristo era humano e plenamente divino ao mesmo tempo (WHITE, 1992, p. 530).

Considerando que ela entendia o pecado como sendo essencialmente rebelião contra Deus e que se manifesta na transgressão de Sua lei, e que qualquer afastamento do amor e da justiça de Deus é pecado, ela disse que Cristo, um ser divino-humano, estava livre de todo egoísmo e pecado. Ele era inocente e puro e nunca teve uma mancha de pecado (WHITE, 1872, p. 2). Suas declarações na carta a Baker indicam que Cristo não deve ser apresentado ao povo como um homem “com as propensões do pecado” e nem por “um momento houve nele uma propensão má” (WHITE, 2017, p. 21).

White passou os últimos anos de sua vida em sua casa em Santa Helena, Califórnia. Após 70 anos de atividades em prol da pregação do Evangelho de Jesus Cristo, ela faleceu em 16 de julho de 1915, em sua casa em Elmshaven, que é agora um local histórico entre os adventistas.

CARTA DE ÁRIO A EUSÉBIO E SUA OPINIÃO SOBRE A DIVINDADE E HUMANIDADE DE CRISTO

Influenciado pelo seu professor de teologia, Luciano de Antioquia, por Orígenes (WHIDDEN, MOON, REEVE, 2002, p. 135-139) e pela filosofia grega de seu tempo, Ário tendia a enfatizar a humanidade de Jesus mais do que a sua divindade, bem como a subordinação do Logos em relação ao Pai. Na fase inicial da controvérsia ariana, ele dirigiu um apelo a Eusébio de Nicomédia em forma de carta, na qual resume sua cristologia.

Como já referido, Ário era um presbítero popular em Alexandria e difundiu a ideia de que Deus é eterno, ao passo que o Logos (o Filho) era uma criatura que deve ter tido um começo. Desse modo, ele rejeita a divindade e coeternidade do Filho com o Pai. Sua cristologia foi rejeitada pela ortodoxia cristã de seu tempo. Consequentemente, ele foi condenado pelos bispos em um sínodo em Alexandria em 318 d.C. Obrigado a abandonar a cidade, recebeu o apoio do amigo íntimo Eusébio de Nicomédia, um bispo importante e influente, que o acolheu juntamente com suas ideias cristológicas.

Antes de ir para Nicomédia, Ário enviou uma carta ao amigo Eusébio, por volta de 318 d.C., explicando a razão da sua perseguição pelas autoridades eclesiais e apelando por ajuda em meio a esta controvérsia. De acordo com E. R. Hardy (1954, p. 329), a carta foi preservada nos escritos de Epifânio. O documento diz o seguinte:

To my very dear lord, the faithful and orthodox man of God Eusebius, Arius, unjustly

¹⁹ Originalmente publicado em inglês como *The Desire of Ages* (Washington, DC: Review and Herald, 1898). Os livros de White sobre Cristo são classificados cronologicamente por Moon e Kaiser (2018, p. 83-84).

persecuted by Pope Alexander for sake of all-conquering truth of which you also are a defender, sends greeting in the Lord.

Since my father Ammonius was coming to Nicomedia, I considered myself bound to salute you by him, and withal to inform that natural affection which you bear towards the brethren for the sake of God and his Christ, that the bishop greatly wastes and persecutes us, and leaves no stone unturned against us. He has driven us out of the city as atheists, because we do not concur in what he publicly preaches, namely, "Always Father, always son," "Father and Son together," "the Son exists unbegottly with with God," "the eternal begotten," "Unbegotten-only-one," "neither by thought nor by single instant does God precede the Son; always God, always Son; he is begotten of the unbegotten; the Son is of God Himself.

Eusebius, your brother bishop of Caesarea, Theodotus, Paulinus, Athanasius, Gregorius, Aetius, and all the bishops of the East, have been condemned because they say that God had an existence prior to that of his Son; except Philogonius, Hellanicus, and Macarius, who are unlearned men, and who have embraced heretical opinions. Some of them say that the Son is an eructation, others that He is a production, others the He is also unbegotten. These are impieties to which we cannot listen, even though heretics threaten us with a thousand deaths. But we say and believe, and have taught, and do teach, that the Son is not unbegotten; and that He does not derive his subsistence from any matter; but that by His own will and counsel He has subsisted before time, and before ages, as perfect God, only begotten and unchangeable, and that before He was begotten, or created, or purposed, or established, He was not. For He was not unbegotten. We are persecuted, because we say that the Son has a beginning, but that God is without beginning. This is the cause of our persecution, and likewise, because we say that He is of the non-existent. And this we say, because He is neither part of God, nor of any essential being. For this are we persecuted; the rest you know. I bid thee farewell in the Lord, remembering our afflictions, my fellow-Lucianist, and true Eusebius (BETTENSON, 1977, p. 39).

Em primeiro lugar, há uma indicação de que Eusébio partilhava da cristologia ariana quando Ário afirmou na carta que Eusébio "também é um defensor" (BETTENSON, 1977, p. 39), o que indica que ambos pensavam da mesma maneira sobre a pessoa de Cristo (OLSON, 1999, p. 142). Em sua primeira menção à Cristo (no segundo parágrafo da carta), Ário considera-o inferior ao Pai, ao dizer que foi tratado como ateu por não ter reconhecido que o Filho possui igualdade ontológica com o Pai. Claramente Ário indica não concordar com as declarações ortodoxas de que o Filho é coeterno com o Pai, tais como "o [Filho] eterno gerado", "sempre Deus, sempre Filho" (BETTENSON, 1977, p. 39). No segundo parágrafo, Ário faz uma clara distinção entre Deus e o "seu Cristo" (BETTENSON, 1977, p. 39). Em lugar de concordar com a cristologia ortodoxa de um Cristo "gerado do não gerado; o Filho é do próprio Deus". Para ele, o Filho "não existia antes de ser [...] criado", ou que Ele não era preexistente coeterno com o Pai. Ele mesmo esclarece que o Filho é criado (ou derivado) pelo Pai eterno. Em outras palavras, o Filho "teve começo, mas Deus [o Pai] não tem começo" (BETTENSON, 1977, p. 39).

No terceiro parágrafo, declarou novamente que "Deus existe sem começo antes do Filho" (BETTENSON, 1977, p. 39). No mesmo parágrafo, ele expande seu pensamento cristológico ao reafirmar que Jesus "não é *unbegotten* [não-gerado], e de maneira alguma uma parte do não gerado, nem [formado a partir] de qualquer substrato, mas que ele foi constituído [criado] pela vontade e

conselho de Deus, antes dos tempos e antes das eras”. Dito de modo diferente, o Filho não era parte essencial de Deus, mas uma emanção dEle, um deus secundário, de uma substância diferente (*homoiousios*) do Pai (SMITH, WACE, 1987, vol. 1, p. 162). Para Ário, afirmar que o Filho não havia sido criado seria o mesmo que dizer que ele era de igual substância (ὁμοούσιος, *homoousios*) com o Pai (Oden, 1992, p. 52).²⁰ Williams (2005, p. 97) enfatiza que a lógica dessa posição era que “só Deus é *anachos* (ἀναχος), e o Filho tem um *archē* (ἀρχή)”²¹, um princípio. No entendimento ariano, o Filho era o primogênito e unigênito (μονογενής, *monogenēs*), a primeira criatura de Deus. Sua cristologia claramente negava a geração eterna do Filho (que afirmava a distinção de pessoas divinas na Trindade e igualdade substancial). O bispo de Alexandria prefere o termo *criado* em lugar de *gerado* (terceiro parágrafo). Nesse contexto, ele defendeu a “preexistência”, no sentido de que Jesus estava em uma posição superior à de qualquer criatura.

Metodologicamente, é necessário identificar na abordagem de Ário a relação que ele fez entre os elementos filosóficos e teológicos para estabelecer a estrutura do seu pensamento cristológico, a partir das suas pressuposições básicas da mente ou ideias fundamentais que se condicionam de forma sistemática que ajudam a produzir conceitos acerca da realidade do *Logos*. Vale, portanto, ressaltar que a cristologia ariana assumiu os postulados filosóficos usuais, e ele trabalhou com esses métodos filosóficos que estavam ao seu alcance.²² Na minha opinião o Arianismo não deve se limitar a ser explicado apenas como uma derivação do Origenismo (cf. WILLIAMS, 2005, p. 131-148). Ário provavelmente viu nas declarações subordinacionistas de Orígenes uma oportunidade de confirmar suas pressuposições filosóficas platônicas acerca da doutrina do *Logos*.

O platonismo desempenhou um papel central no Cristianismo e foi essencial para uma compreensão profunda da tradição teológica ariana. É correto, portanto, afirmar que o platonismo constituiu um recurso filosófico essencial à teologia ariana, fornecendo a Ário uma estrutura intelectual que desempenhou um papel fundamental na sua maneira de interpretar a natureza de Deus. A descrição ontológica de Ário sobre Deus é elaborada por meio dos argumentos platônicos.²³ Ele

²⁰ Cf. Rowan D. Williams, “The Logic of Arianism,” *The Journal of Theological Studies*, Vol. 34, No. 1 (April 1983): 56-81. De acordo com Bruce L. Shelley, o termo *homoousios* foi provavelmente proposto pelo Bispo Hosius de Córdoba. Cf. B. L. Shelley, *Church History in Plain Language* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1995), p. 102.

²¹ Cf. Peter Widdicombe, *The Fatherhood of God From Origen to Athanasius* (New York, NY: Oxford Press, 1994), p. 127.

²² Para uma ampla informação sobre a relação entre platonismo e a teologia de Ário, ver William (1987, p. 179-232), Hanson (2005, p. 84-94), Gregg e Groh (1981, p. 1-42), G. C. Stead, The platonism of Arius, *The Journal of Theological Studies*, Vol. 15, No. 1 (April 1964): 16-31; H. A. Wolfson, “Philosophical implications of Arianism and Apollinarianism,” *Dumbarton Oaks papers*, Vol. 12 (1958): 5-28; Leslie William Barnard, “What was Arius’ Philosophy?”, *Theologische Zeitschrift* 28 (1972): 110-117, <https://www.e-periodica.ch/cntnng?pid=thz-001%3A1972%3A28%3A%3A529>; H. I. Marrou, “Synesius of Cyrene and Alexandrian Neo-Platonism”, in *The Conflict between Paganism and Christianity in the Fourth Century: Essays*, ed. Arnaldo Momigliano (Melbourne, Australia: Hassell Street Press, 2021), p. 126-50. Recentes estudos foram publicados sobre o platonismo, suas raízes e sua realção com a tradição cristã: Lloyd P. Gerson, *From Plato to Platonism* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 2017); Panagiotis G. Pavlos, Lars Fredrik Janby and Eyjólfur Kjalar Emilsson (Eds.), *Platonism and Christian Thought in Late Antiquity*, Studies in Philosophy and Theology in Late Antiquity (Abingdon, UK: Routledge, 2021); John Dillon, *The Roots of Platonism* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2024); Louis Markos, *From Plato to Christ: How Platonic Thought Shaped the Christian Faith* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2021); Alexander J. B. Hampton and John Peter Kenney (eds.), *Christian Platonism* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2023).

²³ Na opinião de Stead, a metafísica ariana sofreu influência do Platonismo Estóico. Cf. Stead, “The Platonism of Arius,” 25-26.

parte da ideia bíblica de Deus e interpreta isso em termos platônicos. Deus é antes de todas as coisas como *μονάς* (*monas*, "único") ou seja, como origem última. Ele usa o termo *δυάς* (*duas*) para o Filho, indicando sua inferioridade ontológica em relação ao *monas*. Para "Ário, o Filho é um ser subordinado, criado e, nesse sentido, inferior ao *Monad*. Filosoficamente, isso corresponde a tendências marcantes no Médio e Tardio Platonismo, nas quais o Absoluto se torna o Princípio Último, e o logos ocupando o segundo lugar" (BARNARD, 1972, p. 112). Richard Hanson sugere que o Platonismo Médio é a base para a teologia ariana.²⁴

Para compreender a posição de Ário a respeito de Cristo é necessário primeiro examinar o seu conceito de Deus, afinal a cristologia de Ário é um produto de sua compreensão de Deus.²⁵ Numa tentativa de preservar um monoteísmo estrito²⁶, Ário admitiu, com base na filosofia grega²⁷, que "o Não-gerado (a[narcoj] criou (e[qhke] o filho como a primeira das criaturas (tw/n genetw/n) [cf. Prov. 8:22a]. E tendo-o criado, ele o elevou (e[qhke] a [categoria de] filho (eivj ui`o.n) para ele mesmo."²⁸ Sua teologia assumiu os postulados e métodos filosóficos usuais (Gwatkin, 1978, p. 20), cujos filósofos platônicos conceberam Deus como "imutável, impassível e estático"²⁹, onde nada fora dele pode agir sobre ele, influenciá-lo ou mudar suas ações.

Em sua carta a Alexandre de Alexandria, Ário afirmou que "Deus é antes de tudo como *Monas* e causa"³⁰, ao estilo platônico que vê Deus como um *Monad* (*μονάς*) indivisível.³¹ Sua conclusão lógica é que se Deus (ou sua existência) é "antes de todos como um *Monas*", então "ele também é anterior do Filho" (RUSCH, 1980, p. 32). Para ele, somente Deus, o Pai, é o único não-gerado, eterno, sem começo, imortal, sábio, imutável.³² Para Ário e outros teólogos de sua época, a imutabilidade era vista

²⁴ Interpretação dada à filosofia de Platão entre os séculos I a.C. e II d.C. Cf. Hanson (2005, p. 85-86). Para uma compreensão dos principais platonistas deste período, ver John M. Dillon, *The Middle Platonists: 80 B.C. to A.D. 220* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1996).

²⁵ A controvérsia ariana foi "um resultado direto da maneira como os cristãos passaram a pensar na natureza de Deus". Justo L. González, *The Story of Christianity: The Early Church to the Dawn of the Reformation* (New York, NY: HarperCollins, 1984), 1:159. Cf. G. L. Prestige, *God in Patristic Thought*, 2nd ed. (London, UK: Society for Promoting Christian Knowledge, 1981).

²⁶ "Mas isso não significa que o seu monoteísmo fosse "bíblico". O Deus que os arianos declaram ser "Um" não é o Deus Vivo da Bíblia, mas sim o Absoluto das escolas filosóficas." T. E. Pollard, "The origins of Arianism," in *Journal of Theological Studies* (London, vols. 1-50, 1899-1949; n.s. vol. 1, 1950), 104, citado em Gregg and Groh, 87. Sobre o conceito de "Monoteísmo," ver Kevin J. Vanhoozer, ed., *Dictionary for Theological Interpretation of the Bible* (Grand Rapids, MI: Baker, 2005), 519.

²⁷ For a complete synopsis about this topic, see William, *Arius*, 179-232. The background of Arius's God can be found in Alan Richardson, *Creed in the Making*, 34-37.

²⁸ Arius, *Thaleia*, in Athanasius *De Syn.* 15.3 (Optiz², p. 242, lines 14-15) in Gregg and Groh, 23.

²⁹ Charles Kannengiesser, *Arius and Athanasius* (Hampshire, England: Variorum, 1991), 20-24.

³⁰ Hanson (2005, p. 86-87). Ver Athanasius *De Synodis* 15 *apud* Hanson (2005, p. 86-87). Verja também Morey (1996, p. 471-472). "... as monad (*μονάς*) and beginning (*avrch.*) of all so God is before all. Wherefore he is also before the Son." Arius *Ep. ad Alex.* (Optiz³, Urk. 6.4, p. 13, lines 12-13) in Gregg and Groh, 120.

³¹ Do grego *μόνος*, "único", termo aplicado (por Platão) ao Ser transcendental único e sem divisão. Plato, *Dialogues of Plato* (New York: Washington Square Press, 1963), 142-144. Morey (1996, p. 472) diz que esta ideia de Platão é derivada do filósofo pré-socrático Parmênides. Para uma compreensão deste conceito parmenídico, ver Robert Adamson, *The Development of Greek Philosophy* (Edinburg: William Blackwood, 1908), 32-35, 105-110, 123, 139. Parmênides considerou o *λόγος* as "a noção abstrata, a representação completa do que é essencial para trazer." *Ibid.*, 35.

³² Arius *Ep. ad Alex.* (Optiz³, Urk. 6.2, p. 12, lines 4-7) in Gregg and Groh, 88. Ver também Gwatkin, *Studies of Arianism*, 20. Aqui Ário usou uma linguagem em harmonia com a Bíblia. Por exemplo, "quando Ário fala de Deus como "o único verdadeiro" (*mo,non avlhqino.n*), ele ecoa a oração de Jesus em João 17:3 (*to.n mo,non avlhqino.n qeo.n*). Já a frase

como o principal atributo de Deus.

Considerando que o Deus de Ário, à semelhança do *monas* como conceito platônico da Divindade, não pode ser dividido, Ário refere-se ao Filho (*Logos*) como o *dyad*, ou *duas* (δύάς,³³ ou δημιουργός [*dēmiourgos*, “demiurgo”], outros termos platônicos), criado pelo *monas*. Ário afirmou que “o monad era, mas o dyad era antes de ter vindo a existência.”³⁴ Em adição a isso, “somente o Pai é Deus; somente ele é não-gerado [e] imutável. Ele está separado do homem por um abismo infinito, e não há mediação real entre eles. Deus não pode criar o mundo diretamente, mas apenas através de um agente, o Logos, que foi criado com o propósito de criar o mundo (Smith; Wace, 1987, vol. 1, p. 156). Desse modo, o Cristo ariano era um demiurgo e considerado uma criatura, que foi elevado acima de todas as demais criaturas. Platão considerava o demiurgo — termo que indica inferioridade e imperfeição³⁵ — como o criador entre Deus e a matéria (ou o universo físico). Hanson (2005, p. 85-86, 90-91) corretamente explica que “o dualismo de Ário e sua drástica subordinação do Filho ao Pai derivam, em última análise, do conceito platônico de ideia e participante”³⁶, o que está em harmonia com a posição de Stead (1964, p. 21-24). Portanto, o Filho não era tão divino quanto o Pai, pois ele acreditava que a divindade é ontologicamente perfeita (imutabilidade). Nesse sentido, Deus, que é divino e perfeito, não poderia sofrer qualquer mudar. Apenas Deus, o Pai, é, portanto, o único incriado, eterno, sem princípio, onipotente e imutável (GWATKIN, 1978, p. 20).³⁷ A imutabilidade foi considerada por Ário e por muitos outros teólogos do seu tempo como o principal atributo de Deus. O *Logos* era uma criatura, e não um ser igual ao Pai; era suscetível a mudança, ao passo que Deus não. Ário apelou para o testemunho das Escrituras a fim de apoiar sua cristologia, especialmente citando o Evangelho de João, no qual a palavra de Deus (*Logos*) está subordinada ao Pai (Jo 14:28). Assim, o *Logos* era o “agente criativo, ou demiurgo, que criou o mundo visualizado na mente do Deus transcendente” (WHIDDEN, MOON, REEVE, 2002, p. 127).

“único sábio” (mo,non| sofo,n) corresponde a uma linguagem doxológica de Rom. 16:27 (mo,nw| sofw| qew/|), e a referência à Deidade como “único bom” evoca a declaração de Jesus em Marcos 10:18 (ouvdei.j avgaqo.j eiv mh. ei-j o` qeo,j). As duas frases restantes contendo mo,non são tiradas da passagem escatológica em 1 Timóteo, que colocamos aqui ao lado da declaração ariana” em “Arius’ *confessio fidi* (Urk. 6.2) e[na mo,non avgenetton mo,non(a[nacon mo,non avlhqino,n @cf. John 17:3# mo,non avqanasi,an e[conta(mo,non soyo,n @cf. Rom. 16:27# mo,non agaqa,n @cf. Mark 10:18# mo,non duna,thn...” e em “1 Timothy 6:15-16 (o` maka,rioj kai. mo,noj duna,sthj(o` basileu.j tw/n basileuo,ntwn kai. ku,rioj tw/n kurieuo,ntwn o` mo,noj e;cwn avqanasi,an(fw/j oivkw/n avpro,siton(o)n ei=den ouvdei.j avnqrw,pwn ouvde. ivdei/n du,natai.” Gregg and Groh, 89) Para compreender o caminho do monoteísmo – de um Deus único acima e além de todos os outros – entre os filósofos greco-romanos, bem como a ideia de Platão sobre Timeaus e seu agente “demiurgo”, ver Whidden, Moon and Reeve, *The Trinity*, 124-126.

³³O δύάς “não existia antes de ter vindo a existência.” Athanasius *De Synodis* 15 (Optiz², p. 243, lines 1) in Gregg and Groh, 88. Ário refere-se a este termo como significando “o segundo [...] A forma da “teologia do Logos” de Ário permite tal visão daquele que é o segundo para Deus”. Ibid., 88. Ver também Barnard, “What was Arius’ Philosophy?”, 112.

³⁴Arius *Ep. ad Eus.* (Optiz³, Urk. 1.4, 1.5, p. 3, lines 1, 3, 4); *Ep. ad Alex.* (Optiz³, Urk. 6.4, 1.5, p. 13, lines 9-10) in Gregg and Groh, 82-83; Hanson (2005, p. 86-87).

³⁵See Morey, *The Trinity*, 472-473, 507, 512. This thought is also found in Arius’s teaches. See Hans Schwarz, *Christology* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998), 138-144.

³⁶“Ideia” como imagem e “participante” referindo-se ao Filho como não participando da essência (*ousia*) do Pai. Cf. Stead, “The Platonism of Arius,” 16-31; Gregg and Groh, 109-110; R. Williams, *Arius: Heresy and Tradition* (London, UK: Darton, Longman and Todd, 2005), 215-232. Ver também Andrew Davison, *Participation in God* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2020).

³⁷For understanding on the way of monotheism—of a single God above and beyond all others—among the Greco-Roman philosophers, as well as the idea of Plato on *Timeaus* and his agent “demiurge”, W. Whidden, J. Moon and J. Reeve, *The Trinity*, 21-24.

CARTA DE ELLEN WHITE A W. L. H. BAKER E SUA VISÃO SOBRE A NATUREZA DIVINO-HUMANA DE CRISTO

Ao contrário da carta de Ário a Eusébio de Nicomédia, que tem apenas três parágrafos, a carta que White escreveu ao pastor Baker totaliza mais de 30 parágrafos (17 páginas no original), sendo cinco dedicados à questão da natureza humana de Cristo. Assim, a análise desses parágrafos é o foco desta investigação.

Baker foi um pastor adventista e teve extensa carreira no mundo editorial nos Estados Unidos e na Austrália. Há pouca informação sobre sua vida pessoal e atuação nos campos missionários da Australásia e Nova Zelândia.³⁸ Contudo, sabe-se que ele estava ligado ao trabalho de publicação e evangelismo e ensino. Construiu considerável trajetória na Pacific Press Publishing Association, na Califórnia, onde trabalhou entre 1882 e 1886. Em 1887, ele juntou-se à Echo Publishing House, na Austrália. Depois, trabalhou como evangelista e presidente de algumas Conferências na Austrália e Nova Zelândia. Em 1914 atuou como professor de Bíblia no Australian Missionary College e, em seguida, como pastor distrital. Sete anos depois, em 1927, ele retorna aos Estados Unidos³⁹, onde atua como capelão, provavelmente no Washington Sanitarium, para em seguida, entre 1923 e 1927, trabalhar como professor de Bíblia no Oakwood Junior College, Huntsville, Alabama, e como capelão no Dr. T. J. Evans's Sanitarium, Colorado, até seu falecimento em 1933 (FORTIN, 2018, p. 329-330; HARTWELL, 1933, p. 22).

Em sua estada na Austrália (1891-1900)⁴⁰ a Sra. White trabalhou “em estreita colaboração com os Bakers” (Fortin, 2018, p. 329). À época em que Baker recebeu a carta de encorajamento e conselho de White ele estava envolvido em atividades pastorais e evangelísticas na Austrália.⁴¹ Parece que a carta dela foi enviada em resposta a uma correspondência de Baker. O tom geral do documento era muito positivo. White elogiou-o pelo seu trabalho, encorajou-o nas suas dificuldades emocionais e, em geral, o apoiou pessoalmente (COMMENTS ON THE BAKER LETTER, [s.d.]; FORTIN, 2018, p. 329).⁴²

A carta foi descoberta em 1955, e o Ellen White Estate — localizado na sede da General Conference of the Seventh-day Adventist Church, em Silver Spring, Maryland, United States — a indexou como datada de agosto de 1895. Ela aparece no *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, volume 5, páginas 1128-1129. Embora com data de 1895, Lyell V. Heise assegura em sua obra intitulada *The Christology of Ellen G. White Letter 8, 1895: O Estudo Histórico, Contextual e*

³⁸ Arthur Lacey White, *Ellen G. White: The Australian Years: 1891-1900*, vol. 4 (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1983), 362.

³⁹ Arthur Lacey White, *Ellen G. White: The Australian Years: 1891-1900*, vol. 4 (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1983), 384.

⁴⁰ Para uma visão geral desse período na Austrália, ver Arthur Lacey White, *Ellen G. White: The Australian Years: 1891-1900*, vol. 4 (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1983).

⁴¹ Para o contexto que envolveu o envio desta carta, ver Woodrow W. Whidden, *Ellen White e a Natureza Humana de Cristo*, trad. Delmar F. Ferreira e Rosângela Lira (Tatuí, SP: Casa publicadora Brasileira, 2204), 77-81.

⁴² Quase no final de sua carta, a Sra. White escreve estas palavras carinhosas: “Meu querido irmão e Sr. Baker, a quem amo no Senhor, o Senhor irá guiá-lo se você apenas confiar Nele” (White, 2017, p. 29).

Analítico que foi escrita em 1896⁴³, provavelmente de Sunnyside, que foi a casa onde a Sra. White “viveu de 1895 a 1900 em Cooranbong, N.S.W., Australia”.⁴⁴ Como dito anteriormente, White dedicou cinco parágrafos desta carta pessoal sobre a natureza humana de Cristo.

Ao contrário da carta de Ário ao amigo Eusébio, White não pediu ajuda, mas escreveu numa tentativa de ajudar e encorajar o pastor e amigo Baker em relação aos seus esforços missionários, bem como na pregação da Palavra de Deus. Ela o aconselhou sobre como ser mais persuasivo ao fazer apelos ao povo em seu trabalho evangelístico. O conselho valioso foi que deveria usar argumentos simples baseados na Bíblia. Por isso, sugeriu que ele tocasse “os corações dos teus ouvintes, instando-os a apresentar-te as suas dificuldades, para que possas explicar as Escrituras que eles não compreendem” (WHITE, 2017, p. 20).

O trecho da carta que chama a atenção está nos seguintes parágrafos:

Dear Brother [...] Baker [...] Be careful, exceedingly careful as to how you dwell upon the human nature of Christ. Do not set Him before the people as a man with the propensities of sin. He is the second Adam. The first Adam was created a pure, sinless being, without a taint of sin upon him; he was in the image of God. He could fall, and he did fall through transgressing. Because of sin, his posterity was born with inherent propensities of disobedience. But Jesus Christ was the only begotten Son of God. He took upon Himself human nature, and was tempted in all points as human nature is tempted. He could have sinned; He could have fallen, but not for one moment was there in Him an evil propensity. He was assailed with temptations in the wilderness, as Adam was assailed with temptations in Eden.

Bro. Baker, avoid every question in relation to the humanity of Christ which is liable to be misunderstood. Truth lies close to the track of presumption. In treating upon the humanity of Christ, you need to guard strenuously every assertion, lest your words be taken to mean more than they imply, and thus you lose or dim the clear perceptions of His humanity as combined with divinity. His birth was a miracle of God; for, said the angel, “Behold thou shalt conceive in thy womb, and bring forth a son, and shalt call his name Jesus. He shall be great and shall be called the son of the Highest; and the Lord God shall give unto him the throne of his Father David: And he shall reign over the house of Jacob forever; and of his kingdom there shall be no end. Then said Mary unto the angel, How shall this be, seeing that I know not a man? And the angel answered and said unto her, Thy Holy Ghost shall come upon thee, and the power of the Highest shall overshadow thee; therefore also that holy thing which shall be born of thee shall be called the Son of God.”

These words are not addressed to any human being, except to the Son of the Infinite God. Never, in any way, leave the slightest impression upon human minds, that a taint of, or inclination to corruption rested upon Christ, or that He in any way yielded to corruption. He was tempted in all points like as man is tempted, yet He is called that holy thing. It is a mystery that is left unexplained to mortals that Christ could be tempted in all points like as we are, and yet be without sin. The incarnation of Christ has ever been, and will ever remain a mystery. That which is revealed, is for us and for our children, but let every human being be warned from the ground of making Christ altogether human, such an one as ourselves; for it cannot be. The exact time

⁴³ Woodrow W. Whidden, *Ellen White e a Natureza Humana de Cristo*, trad. Delmar F. Ferreira e Rosângela Lira (Tatuí, SP: Casa publicadora Brasileira, 2204), 87.

⁴⁴ Marian de Berg, “Sunnyside,” *Encyclopedia of Seventh-day Adventists* (Pike Silver Spring, MD: General Conference of Seventh-day Adventists, 2020). <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=3B58>. Cf. White (2017, p. 30).

when humanity blended with divinity, it is not necessary for us to know. We are to keep our feet on the rock, Christ Jesus, as God revealed in humanity.

I perceive that there is danger in approaching subjects which dwell on the humanity of the Son of the infinite God. He did humble Himself when He saw He was fashioned as a man, that He might understand the force of all temptations wherewith man is beset.

The first Adam fell: the second Adam held fast to God and His word under the most trying circumstances, and His faith in His Father's goodness, mercy, and love did not waver for one moment. "It is written" was His weapon of resistance., and it is the sword of the Spirit, which every human being is to use. "Hereafter I will not talk much with you; for the prince of this world cometh, and hath nothing in me"—nothing to respond to temptation. Not one occasion has been given in response to His manifold temptations. Not once did Christ step on Satan's ground, to give him any advantage. Satan found nothing in Him to encourage his advances. [...] My dear Bro. and Sr. Baker, whom I love in the Lord, the Lord will guide you if you will only trust in Him. (WHITE, 2017, p. 21-22).

Entre os mais de 30 parágrafos da carta a Baker, Ellen White dedicou cinco à questão da natureza humana (e divina) de Jesus. Ela o advertia sobre como apresentar diante do povo a natureza que Cristo assumiu em Sua encarnação. A palavra-chave no primeiro parágrafo é *propensões*⁴⁵. Rodor (2008, p. 57) aponta ali quatro evidências: 1) enquanto todos os membros da espécie humana nascem com a propensão inerente ao pecado, Cristo não conhecia tal tendência; 2) White está discutindo propensões inerentes, e não propensões cultivadas; 3) White está discutindo a mesma condição humana de Cristo em relação a Adão antes da queda: era "um ser puro, sem pecado, sem uma mancha de pecado sobre ele, ele era a imagem de Deus"; portanto, Cristo assumiu a condição humana de Adão antes da queda, porque a comparação é entre o primeiro Adão, como criado por Deus, e o Segundo Adão, Cristo; e 4) Cristo assumiu a natureza incontaminada, sem qualquer mancha ou propensão para o pecado, não o que Ele desenvolveu, ou seja, uma natureza sem as más inclinações foi a sua herança, não o desenvolvimento do caráter. Ellen White estava dizendo a Baker que Cristo não assumiu a natureza caída de Adão em Sua encarnação.

No segundo parágrafo da carta, White aconselhou Baker a "evitar toda questão em relação à humanidade de Cristo que possa ser mal interpretada" (WHITE, 2017, p. 21) e cita Lucas 1:35 para destacar o nascimento sobrenatural de Cristo. Ao usar o termo *Filho de Deus*, está identificando-o como divino; portanto, reconheceu que "Jesus Cristo era o Filho unigênito de Deus". Em outras partes dos seus escritos, ela define o termo *Filho de Deus* e confessa Cristo como Deus⁴⁶. Em 1896, declarou

⁴⁵ In her writings this word has the same meaning as "bent to," "tendencies," "passions," "inclinations" and so forth.

⁴⁶ "No longer was it a matter of faith with them that Christ was the Son of God. They knew that, although clothed with humanity, He was indeed the Messiah, and they told their experience to the world with a confidence which carried with it the conviction that God was with them." Ellen White, *Acts of Apostles*, 45. "It was Christ who from the bush on Mount Horeb spoke to Moses saying, "I AM THAT I AM. Thus shalt thou say unto the children of Israel, I AM hath sent me unto you." Exodus 3:14. So when He came "in the likeness of men," He declared Himself the I AM. The Child of Bethlehem, the meek and lowly Saviour, is God "manifest in the flesh." 1 Timothy 3:16. And to us He says: "I AM the Good Shepherd." "I AM the living Bread." "I AM the Way, the Truth, and the Life." "All power is given unto Me in heaven and in earth." John 10:11; 6:51; 14:6; Matthew 28:18. I AM the assurance of every promise. I AM; be not afraid. "God with us" is the surety of our deliverance from sin, the assurance of our power to obey the law of heaven. Ellen White, *The Desire of Ages*, 24-25. Jesus is eternal like the Father and according to the testimony of the New Testament

que em Cristo “a divindade e a humanidade foram misteriosamente combinadas, e o homem e Deus se tornaram um” (Neufeld, 1976, p. 1130). Ela complementa o pensamento ao afirmar que “estas palavras [Lc 1:31-35] não são dirigidas a nenhum ser humano, exceto ao Filho do Deus Infinito” (WHITE, 2017, p. 21). A palavra *infinito* é uma inferência à preexistência eterna de Jesus.

Entre o primeiro e terceiro parágrafo da carta, ela claramente admite que Jesus é o Deus que se revelou na humanidade (WHITE, 2017, p. 22). É o Deus “que fora formado como homem” (WHITE, 2017, p. 22) e, assim, “ele era à imagem de Deus” (WHITE, 2017, p. 21). Desse modo, termos como “filho do Altíssimo”, “Filho de Deus”, “Filho do Deus Infinito” (WHITE, 2017, p. 21) e “ente santo” (WHITE, 2017, p. 22) revelam que ela reconheceu a divindade do Filho. Somente um ser divino poderia encarnar, por isso “Ele tomou sobre si a natureza humana” (WHITE, 2017, p. 21). O modo como ela descreve a encarnação do Filho revela Sua divindade, como na frase “O momento exato em que a humanidade se misturou com a divindade não é necessário que saibamos” (WHITE, 2017, p. 22). Então, é claramente possível perceber que no conteúdo deste documento White reconhecer a igualdade do Filho com o Pai. Ela fala sobre “o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória” (WHITE, 2017, p. 26) sem deixar de reconhecer a coeternidade do Filho junto ao Pai. Citando o apóstolo Pedro (2Pe 1:16) na carta, ela reconhece a divindade de Cristo ao identificá-lo como “Senhor Jesus Cristo” (WHITE, 2017, p. 20). Ao indicar a leitura da carta paulina aos efésios (2:4-6) para Baker (WHITE, 2017, p. 26), ela estava ciente do seu conteúdo, que reconhece Jesus como agindo conjuntamente com o Pai, em igualdade de poder, no ato de dar vida aos homens e na ação poderosa vinculada à ressurreição dos mortos (Ef 2:5-6). No parágrafo 36, ela reconhece Deus como “o Pai da glória” e identifica o Pai a fonte da graça que a dar ao homem “por meio de Cristo Jesus” (WHITE, 2017, p. 26-27), para mais abaixo (parágrafo 48) identificar Jesus como “a fonte de toda graça celestial” (WHITE, 2017, p. 29).

No quarto parágrafo, ela manifesta preocupação com a abordagem de Baker e, em contrapartida, mostra que Jesus é o Filho do Deus infinito indicando que ambos têm o mesmo atributo divino da eternidade. A encarnação de Jesus combinou a natureza divina com a humana, o que significa que Jesus era totalmente Deus e totalmente homem. No pensamento de White, Jesus era único, exclusivo.

Finalmente, no quinto parágrafo, White continua a fazer o contraste entre Adão e Jesus. Ela enfatizou que Cristo não teve “nem por um momento” a propensão para o mal (WHITE, 2017, p. 22). Cristo não tinha nenhuma inclinação natural para o mal, como tem a natureza humana corrompida, a qual Satanás usa para tentar o homem a fazer coisas contrárias à vontade de Deus. No entanto, Cristo herdou a mesma natureza física de Adão, sem que isso sugerisse que Ele tivesse herdado suas [de Adão após a queda] “tendências más”. Embora Seu corpo estivesse sujeito à deterioração física por ter herdado a fraqueza da constituição física do homem, Ele não herdou nenhuma das propensões para o mal associadas à natureza humana caída.⁴⁷ Ele “é um espécime perfeito da humanidade sem pecado” (SDABC, vol. 7, p. 907). Com corretamente destaca Whidden, Jesus assumiu uma natureza

He has a life for yourself (John 26; 10:17-18; 11:25; Acts 2:29, 31-32).

⁴⁷ “Durante quatro mil anos a raça vinha diminuindo em força física, em poder mental e em valor moral; e Cristo tomou sobre Si as enfermidades da humanidade degenerada. Só assim Ele poderia resgatar o homem das profundezas de sua degradação” (White, 1992, p. 117).

pecaminosa apenas no sentido de que esta foi afetada (não infectada) pelo pecado.⁴⁸ White (1848, vol. 2, p. 203) está dizendo a Baker, em outras palavras, que Jesus

is our example in all things. He is a brother in our infirmities, but not in possessing like passions. As the sinless One, His nature recoiled from evil. He endured struggles and torture of soul in a world of sin. His humanity made prayer a necessity and privilege. He required all the stronger divine support and comfort which His Father was ready to impart to Him, to Him who had, for the benefit of man, left the joys of heaven and chosen His home in a cold and thankless world. Christ found comfort and joy in communion with His Father. Here He could unburden His heart of the sorrows that were crushing Him. He was a man of sorrows and acquainted with grief.

Como foi dito anteriormente, o pensamento de Ário influenciou diretamente a visão de muitas pessoas ao longo da história da igreja cristã, incluindo alguns adventistas sabatistas. Joseph Bates (1792-1872) rejeitou a crença na Trindade e, conseqüentemente, na divindade de Cristo. John N. Andrews (1829-1883) afirmou, em 7 de setembro de 1869, na *Review and Herald*, que Deus tinha elevado o Filho a uma alta posição em algum lugar na eternidade. Cinco anos mais tarde, concluiu que somente Deus, o Pai, é imortal e que o Ele deu vida ao Filho. Já Uriah Smith (1832-1903) tinha uma visão semiariana de Cristo, dizendo que o Filho foi o primeiro ser criado pelo Pai⁴⁹, posição esta também defendida por Ellet J. Waggoner (1855-1916), em 1890.⁵⁰

Isso não quer dizer que a carta de Ário a Eusébio tenha influenciado diretamente o pensamento de muitos pioneiros adventistas a rejeitar a divindade de Cristo, mas a teologia de Ário em seus diferentes escritos foi difundida ao longo da história da igreja cristã por outras pessoas e, assim, indiretamente influenciou esses pioneiros adventistas. No entanto, quando White enviou carta a Baker e isso se tornou conhecido, ela ajudou a corrigir a teologia adventista no que diz respeito à compreensão da humanidade de Jesus entre os pioneiros adventistas.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS CRISTOLÓGICOS DE ÁRIO E WHITE SOBRE A DIVINDADE E A HUMANIDADE DE CRISTO

Uma vez que as cristologias de Ário e White foram examinadas em suas cartas, resta agora comparar estes dois escritos e trazer à tona as semelhanças e diferenças de suas perspectivas.

⁴⁸ Woodrow W. Whidden, *Ellen White e a Natureza Humana de Cristo*, trad. Delmar F. Ferreira e Rosângela Lira (Tatuí, SP: Casa publicadora Brasileira, 2204), 93.

⁴⁹ Para mais informações sobre a influência de Ário sobre os pioneiros adventistas, ver Aecio E. Cairus, "Doctrine of Holy Spirit." Syllabus for class of Doctrine of Holy Spirit, Adventist International Institute of Advanced Studies, Silang, Cavite Philippines, 2008, p. 58-62.

⁵⁰ Para um estudo completo da influência do Arianismo e do Semi-Arianismo nos escritos E. J. Waggoner, and other pioneers, see Remwil R. Tornelejo "A Comparative Study of Christology of Edward Irving, Ellet Waggoner and Alonzo Trevier Jones." MTH. Dissertation, Adventist International Institute of Advanced Studies, Silang, Cavite Philippines, 2009, p. 15-152.

Divindade de Cristo

Tanto Ário quanto White foram influentes em seu tempo no que diz respeito ao tema da cristologia. Seus escritos são hoje objeto de estudo por parte de pesquisadores. Ambos acreditavam na eternidade de Deus Pai e concordavam que o Ele é eterno. Para Ário, “Deus existe sem começo”, e White acredita o mesmo sobre o Pai. No entanto, ao comparar suas cristologias, percebe-se grande diferença entre suas interpretações. Como não há muitos elementos que possam contrastar a divindade de Jesus em ambas as cartas, é necessário fazer uso de argumentos adicionais nos escritos desses pensadores.

Embora Ário e White, de modo geral, compartilhassem muitas opiniões semelhantes sobre a divindade do Pai, tinham um conceito divergente a respeito da preexistência do Filho. Para Ário, Jesus foi constituído pela vontade e conselho de Deus, antes dos tempos e antes das eras, ou seja, o Filho era parte de Deus ou uma emanção de Deus, e Cristo não era consubstancial (*homoousios*) com o Pai. Todavia, White, quando usa o termo *Filho de Deus*, fazia no contexto da Sua divindade e igualdade com o Pai. Ela reconheceu que “Jesus Cristo era o Filho unigênito de Deus” (NEUFELD, 1976, vol. 5, 1128), afirmando, assim, a dual natureza de Jesus (WHITE, 2017, p. 22). Dito de outro modo, embora tenha dado total ênfase à natureza humana de Jesus em sua carta e não tenha descrito amplamente Sua divindade, ao fazer referência à humanidade de Jesus combinada com Sua divindade, ela admitiu que Cristo compartilhava com o Pai plena igualdade no que diz respeito à Sua natureza e atributos divinos, ou que Cristo é Deus em sentido pleno⁵¹. Assim, para White, Jesus e o Pai são coiguais em divindade. Apesar de esse argumento ter sido explicado na carta que escreveu a Baker, pode ser facilmente compreendido em outras partes dos seus escritos⁵².

Outro ponto dissonante entre Ário e White diz respeito à ênfase que colocaram na preexistência de Cristo. A cristologia ariana negava a divindade de Jesus ao afirmar que o Filho era o primogênito e o unigênito (*monogenēs*). Por outro lado, ele também identificou Jesus como tendo numa posição superior a qualquer criatura, afirmando que Cristo não era Deus no sentido de ser eterno, incriado, mas considerava o Filho como um ser “divino” por ser o primeiro criado que mantém uma posição superior a qualquer ser existente. Assim, quando Ário disse em sua carta que Jesus era o “sempre Filho”, esse era o sentido do seu argumento. Ele também destacou Cristo era “preexistente” apenas em relação aos outros seres criados, mas não que tivesse existência própria.⁵³

Por outro lado, White reconheceu em sua carta que Jesus é o “Filho do Deus Infinito” (WHITE, 2017, p. 21). Do parágrafo primeiro ao terceiro da carta à Baker, ela admite a divindade de Jesus, apresentando-o como o Deus que se revelou em forma humana (WHITE, 2017, p. 22). Em

⁵¹ Por exemplo: “His divinity was veiled with humanity – the invisible glory in the visible human form. [...] This great purpose had been shadowed forth in types and symbols. The burning bush, in which Christ appeared to Moses, revealed God. The symbol chosen for the representation of the Deity was a lowly shrub, that seemingly had no attractions. This enshrined the Infinite... So Christ was to come in "the body of our humiliation" (Philippians 3:21, R. V.), "in the likeness of men." In the eyes of the world He possessed no beauty that they should desire Him; yet He was the incarnate God, the light of heaven and earth. His glory was veiled, His greatness and majesty were hidden, that He might draw near to sorrowful, tempted men” (White, 1992, p. 23).

⁵² Ver, p. ex., *The Desire of Ages*, 20-24.

⁵³ Cf. Olson, 141-144.

outros escritos ela também assume a identidade divina do Filho ao sustentar, p. ex., que “desde os dias da eternidade o Senhor Jesus Cristo era um com o Pai”; Ele era “a imagem de Deus”, a imagem da Sua grandeza e majestade, “o resplendor da Sua glória”. Foi para manifestar essa glória que Ele veio ao nosso mundo, para revelar a luz do amor de Deus, para ser “Deus conosco”. Ou, como disse, Ele “era a Palavra de Deus” ou “o Deus encarnado” (WHITE, 1992, p. 19, 23). Na declaração “Filho do Deus Infinito” (WHITE, 2017, p. 21) no terceiro parágrafo, o termo *infinito* é uma inferência à existência eterna de Jesus. Em outras obras⁵⁴, ela estabeleceu uma relação entre o título “filho de Deus” e a eternidade de Jesus, e agora, quando se referiu a Jesus como o Filho do Deus infinito, estava também admitindo a eternidade divina da segunda pessoa da Trindade. Jesus não era apenas preexistente, mas também autoexistente. Portanto, para White (1992, p. 530), o Filho tinha uma natureza divina cuja vida era “original, não emprestada, subvida”.

Humanidade de Cristo

Outra divergência entre esses dois pensadores diz respeito à humanidade de Cristo. Roger Olson (1999, p. 153) disse que Ário defendia que Cristo, na sua humanidade, não podia partilhar com o Pai uma plena igualdade quanto à sua natureza e atributos divinos, ou que Cristo não era Deus em sentido pleno. Para entender melhor a cristologia de Ário, é necessário observar o que estava por trás do seu pensamento teológico. Sua cristologia estava impregnada com a filosofia grega. De tal modo, ele dizia que o Filho não era divino como o Pai, pois acreditava que a divindade é ontologicamente perfeita — um atributo primordial de Deus — e seria impossível que Deus sofresse qualquer mudança (imutabilidade). Além disso, considerava o *Logos* uma criatura, e não um ser igual ao Pai, pois era passível de mudança, ao passo que o Pai era imutável.

É fato que esse argumento não está claro em sua carta. No entanto, o seu argumento é melhor compreendido observando outras declarações que ele fez em outros escritos, como no seu livro *Theleia*. Ali, Ário falou sobre a relação entre o Filho e o Pai, dizendo que Cristo não é verdadeiro Deus, mas apenas por participação (ideia platônica) da essência (*ousia*) do Pai. Ele ampliou seu pensamento sobre a inferioridade do Filho e do *Logos* quando ele sustentou que “o Filho não conhece o Pai exatamente, nem o Logos vê o Pai perfeitamente, e nem ele percebe nem o Logos entende o Pai exatamente”. Assim, admitiu por que considerava que o *Logos* “não é o verdadeiro e único Logos do Pai, mas por um nome apenas ele é chamado Logos e Sophia e pela graça é chamado Filho e Poder” (GREGG, GROH, 1981, p. 9).

Em claro contraste, White sustentou que o pai e o Filho partilham da mesma realidade divina.

⁵⁴ “It is the “Son of man” who shares the throne of the universe. It is the “Son of man” whose name shall be called, “Wonderful, Counselor, The mighty God, The *everlasting* Father, The Prince of Peace.” Isaiah 9:6.” E. G. White, *The Desire of Ages*, 25; “Christ was God essentially, and in the highest sense. He was with God from all eternity, God over all, blessed forevermore. The Lord Jesus Christ, the divine Son of God, existed from eternity, a distinct person, yet one with the Father. He was the surpassing glory of heaven. He was the commander of the heavenly intelligences, and the adoring homage of the angels was received by Him as His right. He was equal with God, infinite and omnipotent.” E. G. White, *The Faith I Live By*, 46. See also *The Signs of the Time*, “Christ seeks the lost through human agents,” January 1, 1894, 7; *Sabbath School Work*, “Divine character exemplified in Christ.” November 1, 1895, 3.

Na qualidade de Ser divino, a segunda pessoa da Divindade “fora formado como homem” (WHITE, 2017, p. 22) e durante Sua encarnação, Jesus combinou a natureza divina com a humana, o que indica que Jesus Cristo era plenamente Deus e plenamente homem. Segundo White, a segunda pessoa da Trindade

voluntarily assumed human nature [...] He clothed His divinity with humanity. He was all the while as God, but He did not appear as God. [...] He was God while upon earth, but [...] He walked the earth as a man. [...] Was the human nature of the Son of Mary changed into the divine nature of the Son of God? No; the two natures were mysteriously blended in one person—the man Christ Jesus. [...] When Christ was crucified, it was His human nature that died. Deity did not sink and die; that would have been impossible (NEUFELD, 1976, p. 446).

Vale ressaltar que White esclarece que “o humano não tomou o lugar do divino, nem o divino do humano. Este é o mistério da piedade. As duas expressões ‘humano’ e ‘divino’ eram, em Cristo, íntima e inseparavelmente uma só, e, no entanto, tinham uma individualidade distinta” (NEUFELD, 1976, p. 1129). Dessa união, Cristo não tinha nenhuma inclinação natural (propensão) para o mal. Ampliando, Jesus assumiu a natureza humana, mas isso não significou que tenha herdado “tendências más” da natureza humana pecaminosa de Adão após a queda. White sustentou que a encarnação de Cristo nunca diminuiu de forma alguma Sua divindade, Ele não se tornou menos divino por ocasião de Sua encarnação. Para White, em Cristo a divindade e a humanidade foram misteriosamente combinadas. A união das duas naturezas numa só pessoa não eliminou a distinção de cada natureza.

Com base nas afirmações acima, qualquer leitor casual não pode deixar de notar a diferença de seus pontos de vista sobre a divindade e a humanidade de Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa foi possível notar que, embora de modo geral Ário e Ellen White partilhassem muitos pontos em comum sobre a divindade do Pai, eles tinham conceitos divergentes relativamente à identidade ontológica do Filho. Isso me permite concluir que a cristologia de Ellen White e de Ário apresenta diferenças importantes e até mesmo fundamentais entre si. Suas posições acerca da natureza humana e divina do Filho não são unívocas.

Por um lado, Ário enfatizou em sua carta a natureza criada do Filho e esforçou-se por explicar a encarnação de Cristo sem fazer dele o próprio Deus. Afirmou que Jesus foi criado por Deus Pai, negando a divindade de Jesus e, ao mesmo tempo, defendeu a uma existência prévia do Filho, assumindo uma posição superior a qualquer criatura. Reconheceu o Filho como o primogênito e unigênito de Deus no sentido de ter sido derivado da existência eterna do Pai. Consequentemente, o Filho não partilhava de igualdade com Pai no que diz respeito à Sua natureza e atributos divinos, porque a Divindade é ontologicamente perfeita e imutável. Assim, o *Logos* (criatura mutável) era considerado uma criatura, e não um ser igual ao Pai. Por outro lado, para Ellen White Jesus era eternamente preexistente e coigual ao Pai em natureza, tendo os mesmos atributos divinos do Pai, ou

seja, o pai e o Filho partilham da mesma realidade divina. Na encarnação, a natureza divina e a natureza humana estavam em plena harmonia, especialmente porque Sua natureza humana não herdou as propensões pecaminosas da humanidade.

Com isso em mente, as cristologias de Ário e White não podem ser consideradas iguais apenas por concordarem com alguns aspectos da divindade do Pai, mas podem ser considerados divergentes por terem explicações completamente diferentes quando definem a realidade da natureza do Filho. Portanto, se por um lado não se pode afirmar que suas raras semelhantes teológicas não os tornam iguais, por outro lado é possível assegurar que suas diferenças os tornam totalmente desiguais em matéria de cristologia. Para Ário, Cristo é, definitivamente, um ser criado pelo Pai; para White, Cristo é o verdadeiro Deus encarnado, sem tendências pecaminosas, garantindo a salvação da humanidade.

Em adição a isso, é importante realçar também que a cristologia ariana tem, de certa forma, exercido influência sobre os Adventistas Neo-Arianos, moldando sua concepção sobre a natureza divina e humana de Cristo. É possível notar que cristologia deles encontra sistematização e conclusões em boa parte na síntese filosófico-teológica de Ário. Esta pesquisa indicou, contudo, que não é possível sustentar, como querem os Adventistas Neo-Arianos, o conceito do Filho conforme o sistema teológico-filosófico de Ário, pois ele nutriu-se de bases epistemológicas da filosofia neoplatônica; tampouco está em harmonia com a cristologia de Ellen White. Reivindicar a posição cristológica ariana (ou semiariana) dos pioneiros adventistas (como Uriah Smith) como princípio fundamental do adventismo primitivo na tentativa de defender um retorno a teologia ariana sobre a natureza do Filho dever ser considerado como uma impossibilidade, porque a cristologia ariana tornou-se infecunda por insistir em não se submeter ao princípio da *sola Scriptura*. A teologia cristológica de Ário nada mais é do que uma síntese filosófica na qual a razão está acima das Escrituras.

REFERÊNCIAS

AAMODT, T. D.; LAND, G.; NUMBERS, R. L. **Ellen Harmon White: American prophet**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

BETTENSON, H. S. (Ed.). **Documents of the Christian Church**. London: Oxford University Press, 1977.

BOERS, H. **Who Was Jesus? The Historical Jesus and the Synoptic Gospel**. New York: Harper & Row, 1989.

CAIRNS, E. E. **Christianity Through the Centuries: A History of the Christian Church**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996.

CAIRUS, A. E. **Doctrine of Holy Spirit**. **Syllabus for class of Doctrine of Holy Spirit**. Silang, Cavite, Philippines: Adventist International Institute of Advanced Studies, 2008.

COMMENTS ON THE BAKER LETTER. **The Gospel Herald**, [s.d.]. Disponível em: http://www.gospel-herald.com/walper_ann/baker_letter.htm . Acesso em: 13 jun. 2011.

- CHRISTINE-MURRAY, D. **A History of Heresy**. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- CROSS, F. L. (Ed.). **The Oxford Dictionary of the Christian Church**. New York: Oxford University Press, 1957.
- DI BERARDINO, A.; STUDER B. (Eds.). **History of Theology: The Patristic Period**. Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1997.
- DOUGLAS, H. E. **Messenger of the Lord**. Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1998.
- FERGUSON, E. (Ed.). **Encyclopedia of Early Christian**. Vol. 8. New York, NY: Garland, 1990.
- FORTIN, D. **Baker, Willian Lemuel Henry (1858-1933) e Josephine Laura (1860-1941)**. In: BARBOSA, W. et al. (Eds.). *Enciclopédia Ellen G. White*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.
- GONZÁLEZ, J. L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. 2. ed. rev. Tradução Hans Hudo Fuchs e Key Yuassa. São Paulo: Vida Nova, 2012. Vol. 1.
- GRAHAM, R. **Ellen G. White: Co-Founder of Seventh-day Adventist Church**. New York: Peter Lang, 1985.
- GREGG, R. C.; GROH, D. E. **Early Arianism: A View of Salvation**. Philadelphia, PA: Fortress Press, 1981.
- GWATKIN, H. M. **Studies of Arianism: Chiefly Referring to the Character and Chronology of the reaction Which Followed the Council of Nicaea**. Cambridge: Dieghton Bell, 1978.
- HARDY, E. R. (Ed.). **Christology of the Latter Fathers**. Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1954. v. 3.
- HARTWELL, F. S. "Baker," *Review and Herald*, Vol. 110, No. 13 (March 30, 1933): 22.
- HANSON, R. P. C. **The search for the Christian doctrine of God: the Arian controversy**, 318-381. New York, NY: T&T Clark, 2005.
- HURTADO, L. A. **Lord Jesus Christ: Devotion to Jesus in Earliest Christianity**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005.
- KNIGHT, G. R. **Meeting Ellen White: A Fresh Look at Her Life, Writings, and Major Themes**. Hagerstown, MD: Review & Herald, 1996.
- LARSON, R. **The Word Was Flash: A Source Book for Students of Seventh-day Adventist Christology**. Silang, Cavite, Philippines: Adventist International Institute of Advanced Studies, 1982.
- LONERGAN, B. **The Way to Nicea: The Dialectical Development of Trinitarian Theology**. London: Darton, Longman & Todd, 1976.

MOON, J.; KAISER, D. Por Jesus e pelas Escrituras: a vida de Ellen G. White, in **Enciclopédia Ellen G. White**, eds. Wellington Barbosa *et al.* Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

NEUFELD, D. F. (Ed.). **Seventh-Day Adventist Bible Commentary**. Washington, DC: Heview and Herald, 1976. v. 5, 6 e 9.

NORRIS, R. A. **The Christology Controversy**. Philadelphia, PA: Fortress Press, 1980.

ODEN, T. C. **The Life of the World: Systematic Theology**. New York, NY: Harper, 1992.

OLSON, R. E. **The Story of Christian Theology: Twenty Centuries of Tradition and Reform**. Leicester, England: Apollos, 1999.

ORÍGENES. **Contra Celso**. Tradução Orlando dos Reis. Coleção Patrística, vol. 20. São Paulo: Paulus, 2004.

READ, W. E. **A Bíblia, o espírito de profecia e a igreja**. Tradução Centro de Pesquisa EGW Unasp. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2015.

RODOR, A. A. Cristo e os cristãos. **Parousia**, p. 45-73, Jan./Jun. 2008.

RUNIA, K. **The Present-day Christological Debate**. Leicester, England: Inter-Versaty Press, 1984.

RUSCH, W. G. **The Trinitarian Controversy**. Minneapolis: Fortress, 1980.

SHELLEY, B. L. **Church History in Plain Language**. Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1995.

SMITH, W.; WACE, H. (Eds.). **A Dictionary of Christian Biography**. London: William Clowes, 1987. Vol. 1.

STENCEL, R. (Org.). **Espírito de profecia: orientações para a igreja remanescente**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2012.

SUÁREZ, A. S. **Redenção, Liberdade e serviço: Ellen G. White e processo de construção humana**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2012.

THOMPSON, W. M. **The Jesus Debate: A Survey and Synthesis**. New York: Paulist Press, 1985.

TORNALEJO, R. R. **A Comparative Study of Christology of Edward Irving, Ellet Waggoner and Alonzo Trevier Jones**. Ph.D. Dissertation (Theology) – Adventist International Institute of Advanced Studies, Silang, Cavite, Philippines, 2009.

VENEGAS, T. **The Human Nature of Christ and Its Relationship with Salvation: A Study of Views of Luther, Calvin, and E. G. White**. Ph.D. Dissertation (Theology) – Adventist International Institute of Advanced Studies, Silang, Cavite Philippines, 2003.

WHIDDEN, W. **Ellen G White on the Humanity of Christ: A Chronological Study**. Berrien Springs, MI: Review & Herald, 1997.

WHIDDEN, W.; MOON, J.; REEVE, J. **The Trinity**: Understanding God's Love, His Plane of Salvation, and Christian Relationship. Hagerstown, MD: Review & Herald, 2002.

WHITE, E. G. Christ seeks the lost through human agents. **The Signs of the Time**, 1894 January 1, p. 7.

_____. Divine character exemplified in Christ. **Sabbath School Work**, 1895 November 1, p. 3.

_____. **Ellen White World**: A Fascination Look at the Times in Which She Lived. Hagerstown, MD: Review & Herald, 1998.

_____. **Life Sketches of Ellen G. White**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1943.

_____. **Testimonies for the Church**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1848. v. 2.

_____. **The Desire of Ages**. Washington, D.C.: Review & Herald, 1992.

_____. **Manuscript Releases, vol. 13 [Nos. 1000-1080]**. Silver Spring, Maryland, MD: Ellen G. White Estate, 2017, p. 21-22. https://media4.egwwritings.org/pdf/en_13MR.pdf.

_____. The First Advent of Christ. Review and Herald, v. 41, n. 1, p. 2-3, dec. 1872. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18721217-V41-01.pdf>.

WHITE, A. **Ellen G. White**. Washington, DC: Review & Herald, 1981. Vol. 1.

WIDDICOMBE, P. **The Fatherhood of God From Origen to Athanasius**. New York, NY: Oxford Press, 1994.

WILLIAM, R. **Arius: Heresy and Tradition**. London, UK: Darton, Longman and Todd, 2005.

ZUKOWSKI, J. C.; SUÁREZ, A. S.; SIQUEIRA, R. (Org.). **Ellen White: seu impacto hoje** (Engenheiro Coelho: Unaspress, 2017).